

A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: desafios e possibilidades

EDUCATION IN PANDEMIC TIMES: challenges and possibilities

Fernanda Lícia de Santana Barros^{1*}

O século XXI foi surpreendido pelo coronavírus, a Covid-19. A humanidade recebeu de forma aterrorizante os efeitos colaterais de um vírus letal e pouco conhecido, desafiando a ciência e isolando pessoas no mundo. O ano de 2020 ficará na história com a trágica pandemia que ceifou milhares de vidas no mundo, fechando escolas, estabelecimentos comerciais e alterando a rotina das pessoas que viram suas vidas mudarem de maneira repentina. O livro intitulado “A Cruel Pedagogia do Vírus”, de autoria de Boaventura de Sousa Santos, publicado pela Edições Almedina, em 2020, destaca os efeitos do vírus na sociedade e, sobretudo, seus impactos nas vidas das pessoas no mundo.

A obra é dividida em cinco capítulos, os quais trazem discussões e reflexões importantes sobre os transtornos gerados pela pandemia no mundo, ressaltando as dificuldades que as pessoas estão enfrentando para superar a perda de empregos e salários, o fechamento de escolas e, sobretudo, as condições desumanas em que muitas famílias vivem, sem acesso às condições mínimas de moradia e saneamento básico para o enfrentamento do coronavírus, sem as mínimas condições de isolamento social e quarentena pelas condições insalubres em que vivem.

Vírus: tudo que é sólido se desfaz no ar compõe o primeiro capítulo, que discorre sobre a atual pandemia, fazendo uma retrospectiva da década de oitenta até os dias atuais sobre as consequências do neoliberalismo e de suas influências que fizeram com que a sociedade ainda viva sob seus efeitos. E ressalta que: “[...] a crise financeira permanente é utilizada para explicar os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) ou a degradação de salários” (SANTOS, 2020, p. 5). Ao tratar que a pandemia agravou um estado de crise que já existia, o autor faz uma reflexão sobre as consequências dessa crise ao longo dos últimos quarenta anos, chamando atenção para as pessoas que vivem em zonas de invisibilidade. Ao trazer os pontos negativos, Santos (2020) faz questão de salientar que, dentre muitos pontos negativos, existe um positivo, que é a diminuição da poluição atmosférica no mundo.

¹ Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. E-mail: nandafernandas@yahoo.com.br

A trágica transparência do vírus é o título do segundo capítulo, que aborda as questões culturais, políticas e ideológicas no mundo e os enfrentamentos na pandemia pelos menos favorecidos, os quais Santos (2020) chama-os de cidadãos comuns, e a omissão de quem os poderia amparar e diz: “Em particular, a política, que deveria ser a mediadora entre as ideologias e as necessidades e aspirações dos cidadãos, tem vindo a demitir-se dessa função” (SANTOS, 2020, p. 11). O autor também discorre usando metáforas para demonstrar os *modus operandi* de dominação vigente quando fala: “Desde o século VII, os três unicórnios são o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. São os modos de dominação principais” (SANTOS, 2020, p. 12).

Nessa perspectiva, o autor fala das contradições existentes em nossa sociedade que afirma que todos são iguais, quando é notório que, ao mesmo tempo, não possuem as mesmas oportunidades e igualdade de direitos, chamando a reflexão para as concentrações de riquezas e as desigualdades sociais. Sobre essa questão, é importante destacar a contribuição de Mbembe (2018), que diz: “[...] a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é descartável e quem não é” (MBEMBE, 2018, p. 41).

A sul da quarentena compõe o terceiro capítulo, em que Santos (2020) fala do agravamento da situação da vulnerabilidade na pandemia, ressaltando os casos de violência doméstica, relações de trabalhos precários, no caso, o trabalho informal que não traz direitos e garantias. Alerta-nos para a situação desumana e degradante das pessoas em situação de rua e da falta de estrutura para enfrentar os efeitos da pandemia e informa que “A lista dos que estão a sul da quarentena está longe de ser exaustiva” (SANTOS, 2020, p. 21). O que mostra o quanto acentuou a invisibilidade e a exclusão social. Para Mbembe (2018), “[...] a noção de bipoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2018, p. 71). São questionamentos importantes que fazem pensar e questionar as formas de exclusão existentes e que são, a todo momento, legitimadas.

A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições intitula o quarto capítulo, em que o autor faz um panorama sobre o planeta, principalmente a poluição e a necessidade de um olhar apurado para as questões climáticas, os impactos do capitalismo e das políticas neoliberais em nível global, e traz: “Esta versão do capitalismo sujeitou todas as áreas sociais, sobretudo saúde, educação e segurança social” (SANTOS, 2020, p. 24). O autor também fala do darwinismo social, que aumentou com a atual conjuntura, destacando países como Brasil, Inglaterra, Estados Unidos, Índia, Filipinas e Tailândia, “As pandemias mostram, de maneira cruel, como o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências” (SANTOS, 2020, p. 28). É importante refletir sobre tais aspectos para compreender as desigualdades nos dias de hoje.

O futuro pode começar hoje intitula o quinto capítulo da obra, em que o autor discorre sobre os novos modos de vida da população durante a pandemia em isolamento social e quarentena, como também, propõe uma discussão e reflexão sobre a retomada da rotina pós-pandemia, “ Regressarão sofregamente às ruas, ansiosos por voltar a circular livremente” (SANTOS, 2020, p. 29). E alerta que essa retomada às ruas não será da mesma forma para todos, já que muitos estão sem empregos e sem salários. E, para que haja uma nova era, existe a necessidade de novas articulações do ponto de vista cultural, social, político e econômico. Que a natureza seja respeitada, para que o planeta esteja em melhores condições de vida para todos. Nesse sentido, afirma: “Superaremos a quarentena do capitalismo quando formos capazes de imaginar o planeta como a nossa casa comum e a natureza como a nossa mãe originária a quem devemos respeito” (SANTOS, 2020, p. 32). E que, de fato, tenhamos consciência dos agravantes erros cometidos com a natureza, para que, daqui a alguns anos, se possa ter uma melhor qualidade de vida no planeta Terra.

O livro *A cruel pedagogia do vírus*, de Boaventura de Sousa Santos, é importante e necessário ser lido por todas as áreas do conhecimento e, principalmente, pela educação, pois, com a educação, será possível reconhecer os desafios e buscar pelas possibilidades. Sobre o papel da educação, Mészáros (2005) contribui, afirmando que:

[...] O papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a automudança consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente (MÉSÁROS, 2005, p. 65).

A pandemia trouxe à tona questões existentes e adormecidas, como a desigualdade. E o enfrentamento desse momento na história mostra-nos o quanto as dificuldades acentuam-se quando não existe uma política inclusiva e daí as consequências nefastas que distanciam as pessoas por suas condições sociais mais do que as aproximam. A população deve ser vista como sujeitos de sua própria história e essa consciência necessita ser despertada. Para Romão (2012), “A revolução só é possível com o povo se tornando sujeito consciente da transformação, portanto, ele deve “comparecer” à história como ator (no sentido da ação), pensante e livre” (ROMÃO, 2012, p. 37). Como seres pensantes, devem buscar por seus direitos e lutar para atenuar os distanciamentos existentes que geram concentrações de riquezas e um abismo social cada vez mais difícil de ser sanado e que ficou mais evidente no enfrentamento atual com a pandemia e seus efeitos colaterais.

Referências

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: bipoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Tradução Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MÉSÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

ROMÃO, José Eustáquio. Razões revolucionárias e a descolonização das mentes. *In*:

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e Amílcar Cabral**: a descolonização das mentes. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.